

Bancos nacionais deram-se melhor que estrangeiros após a onda de aquisições

VE - 16/11/2006 - Pág. C2

Maria Christina Carvalho
De São Paulo

Os grandes bancos privados de capital nacional que participaram da onda de aquisições desencadeada a partir da década de 90 tornaram-se mais eficientes na intermediação financeira do que os estrangeiros que também navegaram na consolidação. Já em termos de resultados, os bancos privados nacionais saíram-se ainda melhor. A resistência dos bancos brasileiros é um dos principais motivos pelo qual o sistema bancário brasileiro ainda é predominantemente controlado pelo capital nacional.

A conclusão é de estudo realizado pelos especialistas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Alexandre Marinho, João Adelino de Faria e Luiz Fernando de Paula.

A consolidação dos sistemas financeiros é tendência internacional, movida pelo objetivo de aumentar a escala para compensar o declínio das margens de intermediação financeira, dizem os autores do estudo. No mundo todo, os bancos tentam resolver o problema fazendo aquisições e fusões com outras instituições bancárias e não bancárias, doméstica e internacionalmente.

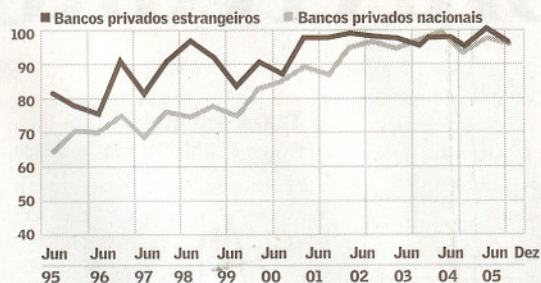
A tendência causou a desnacionalização do sistema financeiro de vários mercados emergentes como o mexicano e o chileno. No brasileiro, porém, uma das características da consolidação, segundo os autores do estudo, é "a vigorosa reação dos bancos privados nacionais à entrada dos estrangeiros".

Divulgado nesta semana pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o estudo avaliou o desempenho dos brasileiros Bradesco, Itaú e Unibanco; e dos estrangeiros ABN AMRO, HSBC e

A força verde-amarela

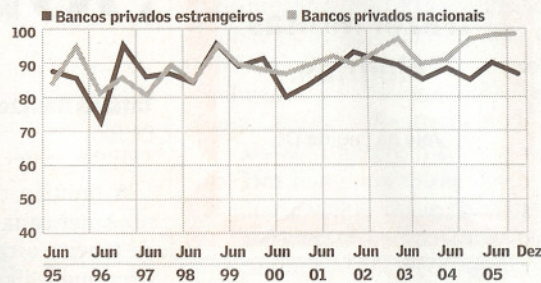
Benefícios com as compras

Eficiência de intermediação



Fonte: estudo do IPEA

Eficiência de resultados



Santander, de julho de 1995 a dezembro de 2005, com base nos dados obtidos no Banco Central (BC). O levantamento mostra que os bancos privados nacionais começaram o período com a eficiência da intermediação financeira no patamar de 65% e os estrangeiros, em 80%. Em 2003, os nacionais atingiram os níveis dos estrangeiros, então na faixa de 95%, patamar também registrado em dezembro passado.

Em relação à eficiência de resultados, o estudo mostrou que os nacionais e os estrangeiros começam o período estudado no mesmo patamar de 85% em que se mantêm até 2003. Nesse momento, os nacionais se descolam e passam a operar em um nível acima de 90%, enquanto os estrangeiros ficam abaixo dessa marca. Bradesco e Itaú, os mais ativos na onda de aquisições, atingem mesmo os 100%.

Os especialistas recorreram à técnica DEA, sigla em inglês da análise envoltória de dados, em que a medida de eficiência é obtida pela relação entre soma ponderada de produtos e soma ponderada de insumos. Para apurar a eficiência de intermediação, foram considerados como inputs as despesas de pessoal e adminis-

trativas e depósitos totais; e como outputs, operações de crédito e títulos e valores mobiliários. Já a eficiência de resultado avalia a capacidade do banco de gerar receitas a partir das despesas e considera inputs a despesa de pessoal e outras administrativas; e como outputs a receita de intermediação financeira, de prestação de serviços e outras receitas operacionais.

Segundo Marinho, a resistência dos bancos nacionais contraria a literatura de que estrangeiros são mais eficientes e introduziriam aperfeiçoamentos no sistema. O estudo não se aprofunda nos motivos, mas, Marinho, também diretor do IPEA, acredita que os bancos nacionais saíram-se melhor do que os estrangeiros por serem mais sensíveis às sinalizações macroeconômicas e regulatórias.

Para Luiz Fernando de Paula, atualmente na Universidade de Oxford, como pesquisador visitante, a conclusão mais importante do texto "é que a opção de ser grande parece ser interessante aos bancos varejistas, pelo potencial de vendas cruzadas de produtos e serviços, e pela capacidade de geração maior de re-

ceitas de intermediação financeira e em tarifas, em função do mix maior de produtos vendidos quanto do aumento do volume de recursos captados".

A capilaridade de uma grande rede de agências e uma base ampla de clientes, explicou o especialista, dão aos bancos acesso a um funding relativamente barato, que são os depósitos a vista, e também potencializa a venda um conjunto maior de produtos.

Os bancos privados brasileiros teriam se saído melhor frente aos estrangeiros do que os de outros países latinos, acredita, porque foram pouco afetados pela "quase crise bancária de 1995", causada pela quebra do Econômico e Nacional. Assim como Marinho, Luiz Fernando também cita a capacidade de os bancos nacionais de sobreviver a ambientes de instabilidade macroeconômica. "Acredito que a ação das autoridades econômicas em 1995 e 1996 por meio do Proer e do provimento de liquidez ao setor bancário por parte do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal evitou uma crise sistêmica de maiores proporções", disse Luiz Fernando.